

Os pássaros deram lugar a...

Os macucos de outrora se foram. Mas imprimiram no bairro o seu nome. Um lugar com o cheiro da maresia do Porto. Um pouco por isso, hoje enfrenta condições adversas

LINCOLN SPADA

DA REDAÇÃO

Esguio, o mastro do guindaste corta o céu para quem caminha pela Avenida Conselheiro Rodrigues Alves. Sinal de que as atividades portuárias não estão à margem do cotidiano dos moradores do Macuco.

O excesso de caminhões que despejam desenvolvimento econômico nos terminais também deixa cicatrizes pelas avenidas. "O nosso maior problema é a falta de pavimentação no asfalto, que a gestão anterior não conseguiu resolver", destaca Rosana Salzedas, presidente da Sociedade de Melhoramentos do Macuco.

Por viver numa região vinculada ao Porto, Rosana não se queixa de seu automóvel dividir as faixas ou vagas de estacionamento com os caminhões destinados ao Porto - nem todos podem descansar nos pátios.

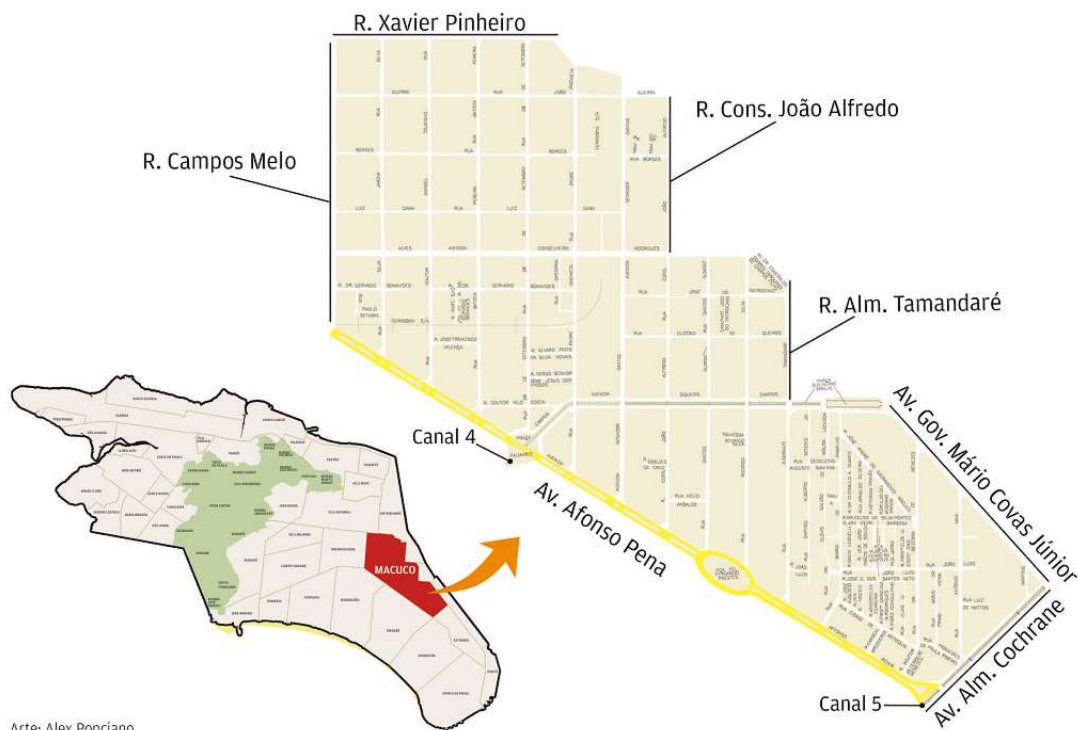
Restam às carretas, após extensas viagens interestaduais, encostarem-se nas pistas. Algumas até se atrevem a parar em locais proibidos, como flagrado na Rua Batista Pereira.

O lixo acumulado nas ruas também é outra reclamação da presidente. "Os bueiros entopem de sujeira, e, com qualquer chuva, há alagamento". Sorte da Rua Padre Anchieta, em que o terminal Eudmarco S/A tomou a iniciativa de retirar entulhos e caminhões parados irregularmente na via.

Carrinhos também completam a varrição pública. "Tem moradores que nos cumprimentam. A gente sabe que a Terracom não dá conta sozinha", declara o azulejista Sandro Ricardo Daurly, que há 14 anos complementa a renda descarregando resíduos no depósito de materiais recicláveis da Rua Borges. Ele descreve o bairro como bastante acolhedor.

Nas palavras de Rosana o saldo sobre os avanços no Ma-

O Macuco, hoje



Arte: Alex Ponciano

O bairro tem 20,7 mil habitantes e se limita ao polígono entre as vias Campos Sales, Xavier Pinheiro, João Alfredo, Almirante Tamandaré, Siqueira Campos e Afonso Pena

cuco também é positivo. "Por ser uma zona retro-portuária, uma lei não permitia mercados, padarias e farmácias no entorno da Avenida Siqueira Campos (Canal 4). Agora, lá, têm muitos investimentos".

RUA DE EXCLUÍDOS

O bairro ainda mantém o caráter residencial de sua fundação, em 1880, quando suas casas conjugadas eram erguidas em mutirões pelas famílias de estivadores, nos fins de semana. Mas aquela cumplicidade entre vizinhos, de deixar as portas dos lares abertas, se adaptou com o passar das décadas.

Uma das causas é o constante movimento de moradores de rua. Principalmente usuários de drogas. Inibe os fregueses e boa parte dos comerciantes da

Rua Batista Pereira e Gervásio Bonavides.

"Quando estamos fechados no domingo, os *noias* ficam debaixo do toldo. Claro que os clientes têm receio de vir aqui", diz um vendedor que optou pelo anonimato.

Os viciados costumam frequentar o playground da Praça Palmares. É que o policiamento é mais presente no outro lado da Avenida Afonso Pena, entre as pistas de skate. "Não posso reclamar desse espaço. Há anos que venho, e é bem iluminado e seguro", afirma Tadeu Olivieri, de 20 anos, e que desde criança se diverte no *quartere* e *miniramp* da praça.

É que essa gente excluída não pretende incomodar as pessoas. Esconde-se pela linha ferroviária desativada, como na

parte de trás do Centro Universitário Lusíada. "Eles não abordam a gente. Quando voltaram as aulas, até diminuiu o número de moradores de rua", comenta o estudante de Enfermagem, Marcos Lima.

Na Rua Manoel Tourinho, os fiéis da Igreja Assembleia de Deus não se queixam de perturbação.

"Neste quarteirão, nunca tivemos problema com eles. Aliás, quando esses irmãos aparecem, convidamos para entrar na igreja, mas eles não aceitam", diz o segurança João de Oliveira, que há quase 50 anos mora no bairro. "Sempre foi muito tranquilo o Macuco".

No entanto, alguns já assaltaram a Igreja São José Operário, na Avenida Conselheiro Ro-



-1- caminhões por todos os lados. -2- consumo de drogas às margens da via férrea. -3- expressivo número de moradores de rua

drigues Alves. "Trabalho aqui há um ano e meio. São crimes leves, como lâmpadas que eles trocam por drogas. O máximo foi o roubo de um extintor", detalha a secretária Genilda Fernandes. Sua maior preocupação foi quando tentaram arrumar as grades do templo.

A avenida concentrava mais moradores de rua durante a noite, debaixo das marquises dos estabelecimentos ou sentados na mureta externa da Cúria Dio-

cesana. Mas eles se dispersaram desde o ano passado, ao ser demolida a mureta e a vizinhança contratar um autônomo para fazer a ronda como segurança noturno.

A sugestão para melhorar a segurança é levar luz à via. "Têm alunos com medo, dizem que o clima daqui é barra pesada. É que a Prefeitura deveria iluminar mais a avenida", afirma Marcus Di Bello, ator do Estúdio Tescom.

Reduto de gente de todas as partes

Antes um grande sítio de uma família abolicionista, o Macuco passou a ser ocupado a partir de 1880. As terras pertenciam ao açougueiro Francisco Manoel Sacramento, que tinha o hobby de caçar macucos - por isso, adotou o nome da ave como seu sobrenome.

Atreladas ao Porto, suas primeiras vias eram os trilhos do lendário bonde 19, que flutuava num mar de areia batida. Tempos em que um gêiser de 17 metros de profundidade explodira na rua Anna Carvalhaes (hoje, a Almirante Tamandaré), número 39. Os munícipes passeavam por lá imaginando ser um vulcão.

Portugueses, espanhóis e japoneses (respondiam a 44% da população santista segundo censo de 1913) logo instalavam suas residências pelo bairro. O lazer de muitos era assistir às partidas do Hespânia, o atual Jabaquara Atlético Clube. A estreia do então Leão do Macuco no antigo estádio Antônio Alonso, em 1930,

foi um 3 a 2 contra a Seleção Argentina.

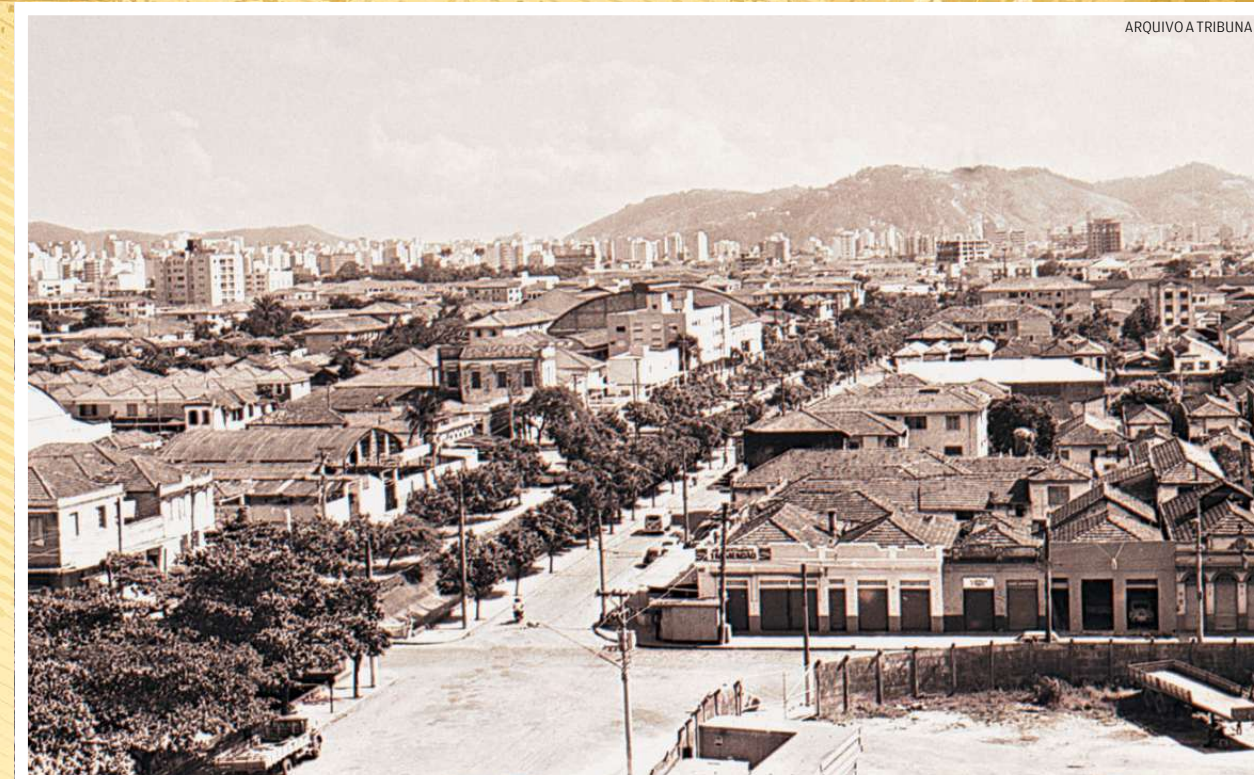
O Macuco se tornou na área mais populosa do município. Acolheu muitos imigrantes, a maior parte nordestinos que tentavam a sorte nos terminais de condições precárias, como o fictício José Severino de Jesus, de *Navios Iluminados*, do escritor paraibano Raulpho Prata (1937).

O personagem inventado que deixa sua terra no Nordeste para tentar trabalho - e a sorte - no Porto de Santos encontrava eco em muitos outros personagens produzidos pela vida real.

O livro descreve que "as cinco sirenes das docas bradaram nos ares, levantando o Macuco em peso, o grande bairro onde se alojava a maioria dos seus cinco mil operários". E o Porto acompanhou a modernização do bairro, ao propor melhorias no trabalho, nos anos 40.

ADEUS À VÁRZEA

Os fortes vínculos da vizinhança afrouxaram ao longo dos anos. Na década de 80, resta-



A foto, de 1982, mostra a época em que o bairro começou a crescer de verdade: aos poucos, foi dando adeus aos campos de várzea

vam lembranças do estádio dos campos de várzea da União Tecelagem, União Brasil, Flamengo e Flor do Norte, como também de blocos carnavalescos do Boi, dos Sujos, dos Lenhadores e Carvoeiros. Entre os resquícios do bairro do samba: as baterias da X-9,

Brasil e Padre Paulo.

Já não há a tradicional Corrida da São Risal, em que os jovens e idosos misturavam drinques, disparando pela Avenida Siqueira Campos. Uma época em que se evitavam as brigas. E que os metidos a briguentos, como os fa-

mos Antônio Navalhada e Peixinho, adoravam e respeitavam crianças e famílias.

Porém, com a passagem do tempo, o Macuco teve suas fronteiras reduzidas, perdendo espaço para a Encruzilhada, Vila Nova, Vila Mathias e Estuário.

ARQUIVO ATRIBUNA